

Frederico Carlos Hoehne: viagens, ciência e proteção à natureza

José Luiz de Andrade Franco
jldafranco@terra.com.br

José Augusto Drummond
jaldrummond@uol.com.br

Resumo: O texto trata da vida e da obra do botânico Frederico Carlos Hoehne (1882-1959). É argumentado que Hoehne foi um pioneiro no tema da proteção à natureza entre os cientistas brasileiros do século XX. Contribuiu para a emergência de uma consciência sobre a importância da beleza e da diversidade da natureza no Brasil, bem como da necessidade do uso “racional” dos recursos naturais. Atuou como cientista, escritor e dirigente de instituições científicas. A sua abordagem combinava a ciência com argumentos estéticos e de identidade nacional. O seu pensamento, em grande parte esquecido, merece ser recuperado e examinado com mais atenção.

Palavras-chave: Hoehne, Brasil, diversidade, conservação.

Abstract: *Frederico Carlos Hoehne: expeditions, Science and protection of nature.* The text examines the life and writings of the Brazilian botanist Frederico Carlos Hoehne (1882-1959). It is argued that he was a pioneer in the topic of nature protection among Brazilian scientists. His work as a scientist, writer and director of research institutes contributed to the emergence of a consciousness about the beauty and diversity of nature, and about the importance of “rational” use of natural resources in Brazil. His approach mixed scientific arguments with esthetics and with appeals related to national identity. His mostly forgotten ideas are worthy of being retrieved and examined with attention.

Key words: Hoehne, Brazil, diversity, conservation.

Frederico Carlos Hoehne foi um dos primeiros cientistas brasileiros a empreender estudos sistemáticos, abrangentes e de longa duração sobre a nossa flora nativa e assuntos associados como biogeografia e ecologia. Apesar de ser um herdeiro indireto dos numerosos “viajantes naturalistas” que percorreram vastas porções do território brasileiro ao longo do século XIX, Hoehne distingue-se deles de forma marcante. Primeiro, por ser brasileiro (ainda que de primeira geração) e ter passado toda a sua vida no Brasil. Segundo, passou décadas estudando continuamente a flora brasileira, alternando as suas viagens de campo com extensos períodos de trabalho de laboratório, herbário e pesquisa, em instituições brasileiras. Terceiro, por formar coleções que permaneciam no país e serviam de base para os estudos de outros cientistas. Quarto, por ter trabalhado em ou dirigido instituições científicas brasileiras, numa fase de escassos investimentos na ciência. Hoehne combinou uma extensa experiência de campo com a formação de coleções de plantas, sobre as quais produziu publicações numerosas e influentes tendo ainda administrado institutos de pesquisa no país e participado de organizações da comunidade científica (Ferri, 1994; Dean, 1996; Hoehne, 1937, 1951).



Fig. 1 – *Pannmorphia paranucabensis* (Hoehne) Luer, foi descrita em 1938 como *Pleurothallis*. A espécie de micro-orquídea cresce na Ilha Grande, a 800m de altitude. (Foto: Beto Campos)

Nascido em Juiz de Fora (MG), em 1/2/1882, Hoehne faleceu em 16/3/1959, tendo residido no Brasil por toda a sua vida. Hoehne foi criado em localidade rural próxima à cidade industrial de Juiz de Fora, em área de domínio de Mata Atlântica. As formações florestais locais eram provavelmente muito modificadas por estradas, ferrovias e fazendas de café. Ele diz, no entanto, que ali teve “oportunidades sem conta de observar os fenômenos da natureza”. Ao menos no sítio paterno em que foi

criado, as matas, embora alteradas, eram em parte bem preservadas, fornecendo lenha, taquaras, frutas e outras utilidades. Ainda criança, Hoehne teve contato com a primeira coleção de plantas de sua vida, ajudando a manter um “rústico orquidário” criado pelo seu pai no pomar da propriedade. A coleção atraía interessados e visitantes. Parte das orquídeas era vendida e a receita ajudava no sustento da remediada família. Aos oito anos, Hoehne começou a organizar o seu próprio orquidário, em um outro recanto do sítio paterno. Segundo ele, nasceu ali o seu interesse pela botânica (Franco e Drummond, 2009).

Concluído o ensino médio em 1899, e sem acesso a um curso superior do seu interesse, Hoehne, com 17 anos, buscou o caminho do auto-didatismo para prosseguir com as suas observações sobre plantas, sustentando-se em parte com vendas de orquídeas. Mandava comprar livros especializados no Rio de Janeiro e ampliou a sua coleção de plantas, inclusive através de permutas com outros colecionadores, esforçando-se para identificá-las e classificá-las, já com a ambição de descobrir novas espécies. A sua coleção de plantas suplantou a do pai e ganhou fama local. O jovem Hoehne se tornou um perito consultado por amantes e estudiosos de plantas (Franco e Drummond, 2009).

Em 1907, quando tinha 25 anos, deu o grande salto que lançou a sua carreira de pesquisador e cientista. Com a ajuda do presidente da Câmara de Vereadores de Juiz de Fora, amigo de sua família, este jovem interiorano sem formação científica conseguiu ser nomeado, um tanto surpreendentemente, para o cargo de Jardineiro-Chefe do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MN), a maior instituição científica do país. Poucos meses depois de assumir o cargo, foi convidado a integrar uma expedição de naturalistas do MN que acompanharia Cândido Mariano da Silva Rondon numa viagem ao Mato Grosso. Em meados de 1908, logo no início da carreira, portanto, partiu para essa que seria a primeira de suas numerosas viagens de pesquisa a muitos pontos do Brasil. Em fins de 1909, voltou de Mato Grosso trazendo 2.000 plantas colhidas em vários locais do então remoto e gigantesco estado, as quais foram incorporadas ao herbário do MN. Enviou alguns exemplares florísticos à Alemanha, para identificação. Seus desenhos de plantas foram impressos também na Alemanha e depois anexados ao relatório oficial da expedição de Rondon. Em 1910 Hoehne estava de volta a Mato Grosso, na companhia dos botânicos Hermano e Geraldo Kuhlmann, em nova expedição de estudos da flora. Em 1912, foi, outra vez, botânico de



Fig. 2 – *Pseudolaelia vellozicola* (Hoehne) Porto & Brade, foi descrita por Hoehne em 1934, como *Schomburgkia*. No ano seguinte foi transferida para *Pseudolaelia*. Ocorre em Minas Gerais, acima de 1000m de altitude. (Foto: A. Docha, Orchidstudium).

uma expedição de Rondon (MT e AM) e em 1913 desempenhou a mesma função na chamada Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Em pouco mais de cinco anos, portanto, fez quatro longas viagens de exploração científica (Franco e Drummond, 2009).

Foi na cidade de São Paulo (para onde se transferiu em 1917), no entanto, que Hoehne se fixou profissionalmente e desenvolveu uma atuação sistemática e de longa duração no que diz respeito ao estudo e à proteção da natureza. A sua carreira esteve intimamente vinculada ao surgimento do Instituto de Botânica do Estado de São Paulo. De início, foi convidado pelo diretor do Serviço Sanitário, em 1917, para organizar um horto de cultura e aclimatação de plantas medicinais. No entanto, dedicou-se a um projeto mais amplo, montando uma Seção de Botânica no Instituto Butantã. Mais tarde, em 1923, transferiu-se a Seção de Botânica para o Museu Paulista. Em 1928, mais uma mudança, agora para o Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal, passando a denominar-se Seção de Botânica e Agronomia. A seção ganhou mais autonomia em 1938, quando se transformou em Departamento de Botânica, subordinado diretamente à Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. Finalmente, em 1942, o Departamento passou a ser o atual Instituto de Botânica.

Hoehne esteve sempre à frente dessas instituições, trabalhando até 1952, quando, ao atingir a idade de 70 anos, recebeu aposentadoria compulsória (Franco e Drummond, 2009).

Entre 1908 e 1948, participou de 15 expedições científicas pelo Brasil e alguns países limítrofes, consolidando-se como cientista de campo. Usava as expedições para coletar exemplares de plantas e ampliar as coleções sob a sua responsabilidade, sobre as quais



Fig. 3 – *Leptotes pauloensis* Hoehne, também descrita em 1934, ocorre na Mata Atlântica dos estados de ES, RJ e SP. (Foto e cultivo: M.R. Cahral)

publicava sistematicamente artigos, inventários e notas, além de realizar trabalho de identificação, classificação conservação, reprodução e intercâmbio. As viagens o levaram, entre outros lugares, a Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e ao litoral sul brasileiro, gerando extensos relatos de viagem e numerosos artigos sobre as paisagens, coletas e descobertas (Franco e Drummond, 2009).

Nessas expedições, ele e os seus colaboradores coletaram pelo menos 10.000 espécimes vegetais, correspondendo a pelo menos 4.000 espécies distintas, das quais cerca de 200 eram novas para a ciência. Assim, Hoehne realizou plenamente o seu sonho juvenil de descobrir plantas novas para a ciência. Foi ainda mais longe: dezenas de outras plantas da flora nativa brasileira, também novas para a ciência, foram batizadas com o seu nome, a título de homenagem de colegas, assistentes e admiradores (Franco e Drummond, 2009).

Escreveu mais de 600 artigos científicos e de divulgação, principalmente sobre as plantas coletadas nas suas viagens, mas também sobre outros assuntos, como arborização de estradas, desmatamento, reflorestamento, introdução de plantas exóticas, uso e cultivo de plantas medicinais, agricultura, recuperação ambiental e econômica de regiões desmatadas, criação de plantas e de coleções, unidades de conservação, estações de pesquisa etc. Contribuiu com muitas outras produções, como palestras, conferências, livretos para crianças e textos diversos de circulação restrita. Esta obra, muito vasta, obteve amplo reconhecimento, inclusive, internacional. Hoehne foi homenageado por inúmeras instituições, destacando-se o convite para participar como membro honorário da American Orchid Society, distinção conferida a poucos cientistas no mundo inteiro, e o recebimento do título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Göttingen na Alemanha, em 1929 (Franco e Drummond, 2009).

A preocupação de Hoehne com a preservação de espécies e com a diversidade biológica fez com que, desde cedo, ele defendesse a necessidade da criação de reservas genéticas da flora e fauna nativas. Em uma edição comemorativa da Seção de Botânica e Agronomia do Instituto Biológico de São Paulo (Hoehne, 1937), ele listou os trabalhos que havia produzido sobre o assunto, desde 1917. Encontram-se, entre outros, artigos sobre: a) reservas florestais e estações biológicas, especialmente a Estação Biológica do Alto da Serra, criada por Ihering e que, em 1918, passou à jurisdição da Seção de Botânica; b)



Fig. 4 - *Octomeria estrellensis* Hoehne, descrita em 1938, é endêmica da Mata Atlântica do estado do Rio de Janeiro. (Foto: D.H. Baptista, Orchidstudium)

queimada; f) a defesa das florestas em geral, como fatores determinantes do clima, da agricultura e da estética; g) a defesa de florestas no Estado de São Paulo, especialmente as do Jabaquara e do morro do Jaraguá, em prol das quais organizou campanhas de preservação entre 1924 e 1926 (Franco e Drummond, 2009).

Esses temas foram constantes na obra de Hoehne. Os seus pontos de vista repetem-se em seus trabalhos, sem alterações de fundo.

Segundo Hoehne, havia, naquele momento, um interesse maior pelas “coisas da nossa gente” e por “seus costumes”, embora ainda fosse necessário “começar a querer bem às nossas plantas, animais e todas as produções da natureza do nosso país, para delas nos utilizarmos e com elas criar o ambiente que nos possa tornar felizes e alegres” (Hoehne, 1930). Essa valorização adquiria um caráter de urgência, pois “vínhamos destruindo as florestas na ânsia de despir o solo, sem percebermos que elas nos prepararam este terreno tão produtivo que exploramos sem maiores esforços, sem repararmos que elas encerram mil outras preciosidades além da madeira e lenha, que oferecem muitas outras vantagens e proporcionam outros benefícios indiretos” (Hoehne, 1930).

Não só as florestas, mas também, as outras formas de vegetação características da fitogeografia brasileira eram dignas de reconhecimento. Referindo-se aos cerrados, Hoehne reclamava que “os campos agrestes, (...), nunca mereceram a nossa atenção. As chamuscas devoraram, sem que pela nossa mente passasse a idéia de que são admiráveis, ricos e dadivosos”. Os animais silvestres também deviam ser objeto de maiores cuidados, pois “com as selvas e campinas exterminávamos os insetos, as aves e milhares de outros seres animados, que são os nossos auxiliares, nossos amigos. E, dessa forma, cavávamos a nossa própria ruína” (Hoehne, 1930).

Hoehne preocupava-se com a destruição de um patrimônio natural muito variado, pouco conhecido e explorado equivocadamente, sem que houvesse consciência sobre as múltiplas possibilidades que se revelavam e viriam ainda a se revelar, caso se fizessem estudos mais acurados. Neste *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*, Hoehne tinha dois objetivos. Em primeiro lugar, pretendia “mostrar um pouco do muito e interessante que a nossa flora indígena oferece, para a decoração das ruas e praças públicas, para os

ornamentação de ruas, parques urbanos e estradas de rodagem, com a defesa da plantação de espécies nativas; c) reflorestamento, que demandava conhecimento específico do manejo e utilidade das essências nativas; d) proteção de florestas, com destaque para a necessidade de uma legislação de proteção à natureza; e) o combate aos hábitos da derrubada e

jardins e parques, para as estufas, para as salas e para as artes e a poesia". Defendia, com esse propósito, que "principalmente na arborização das nossas ruas e praças públicas, as árvores das nossas selvas e campos deverão ter sempre a primazia. Elas devem ser preferidas às exóticas, porque temos muitas para substituí-las com vantagens reais em todos os misteres" (Hoehne, 1930).

O outro objetivo, explicava Hoehne, "é mostrar a vantagem das matas naturais, sobre as artificiais, para o desenvolvimento das artes. Com isso queremos despertar defensores



Fig. 5 – *Catasetum spitzii* Hoehne, descrita em 1941, é nativa do cerrado de Goiás. (Foto: D.H. Baptista, Orchidstudium)

para elas, para que, por muitos séculos ainda, os filhos da nossa terra possam inspirar-se nelas e encontrar os elementos para compreenderem as grandes maravilhas que o Criador espalhou pelo nosso torrão natal". Programaticamente, esclarecia que "precisamos de defensores da natureza da nossa terra. Agora que se fala tanto na fundação de sociedades de amigos das cidades, das escolas, das artes e das letras, não seria inoportuno pensarmos também na criação de uma associação de amigos da natureza, que seria a melhor e mais patriótica de todas" (Hoehne, 1930).

Como mencionado, havia no início dos anos 1930 um clima de apelo à reconstrução nacional. A questão da proteção à natureza inseria-se neste contexto, e devia desempenhar, na opinião de Hoehne, um papel central na elaboração de um projeto de nação. O seu pragmatismo, no entanto, fez com que direcionasse a sua ação para objetivos mais pontuais (Franco e Drummond, 2009). De fato, em 1939, sob a inspiração de Hoehne, foi fundada em São Paulo, a Sociedade de Amigos da Flora Brasileira que, junto com o Instituto de Botânica, promovia publicações, organizava palestras e procurava influenciar a opinião pública em favor das reservas biológicas e do reflorestamento. Em Limeira, a Sociedade tinha mesmo um Parque Biológico, cujos objetivos eram a pesquisa e conservação da flora e fauna nativas (Hoehne, 1951).

O conhecimento era certamente um ponto fundamental nesta apreciação da natureza. A Seção, e depois o Instituto de Botânica, se dedicaram principalmente ao mapeamento e à pesquisa da flora brasileira. Hoehne tinha como a sua maior ambição editar uma obra de peso, nos moldes da ambiciosa *Brasiliensis*, de Martius, que fosse a sua atualização. Publicou vários volumes desse trabalho, que intitulou *Flora Brasílica*. No entanto, não bastava a produção pura e simples do conhecimento - era preciso divulgá-lo. Essa foi uma preocupação constante de Hoehne, pois ele via a devastação da natureza no Brasil como resultante da ignorância, ou da má fé e egoísmo dos que só tinham olhos para o lucro imediato. Era necessário, portanto, disponibilizar as informações sobre a conservação da natureza e dos seus recursos para um público, o mais amplo possível, e garantir a elaboração de leis que submetessem o interesse privado ao bem público (Franco e Drummond, 2009).

Hoehne exerceu certa influência nos círculos governamentais, por intermédio de Fernando Costa, que foi Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, no governo de Júlio Prestes, e Ministro da Agricultura e Interventor do Estado de São Paulo, durante a era Vargas. A causa da proteção à natureza aproximou os dois homens, que se tornaram amigos. Na esfera federal, as idéias de Hoehne contribuíram para a criação dos primeiros parques nacionais brasileiros. No âmbito estadual, Costa foi um grande incentivador dos projetos do amigo, além de ter tido participação direta na criação do Jardim Botânico de São Paulo (Hoehne, 1937, 1947 e Hoehne *et al.*, 1941). Em 1928, mandou chamar Hoehne ao seu gabinete para lhe falar da necessidade de se cultivarem as plantas ornamentais das “nossas matas e campos, para salvaguardá-las do extermínio e para aproveitamento delas nos parques e jardins. Eu quero que me ajude nisto. Veja como poderíamos criar um jardim próprio para realizar esta minha idéia” (Hoehne, 1947).

Hoehne não foi um preservacionista *strictu-sensu*. Defendia o uso, desde que previdente, dos recursos naturais, bem como a fruição estética e a pesquisa científica, que deveriam ser garantidos pelo artifício humano em consórcio com a natureza. Ele estava, portanto, longe de uma posição estritamente “preservacionista”, “anti-humana”, como infelizmente ele e a sua geração de cientistas vêm sendo apresentados por uma parte da literatura atual. Ele era a favor da produção, numa modalidade que hoje chamariamos de sustentável. Cidades arborizadas e floridas, entrecortadas de parques e jardins, estradas entremeadas de reservas florestais, constavam de seus projetos. Em suas viagens pelo território brasileiro, costumava identificar os espaços que pensava serem destinados à produção, separando-os daqueles onde deviam ser criadas reservas naturais. Nas estradas e nas cidades, sempre se preocupava com o aspecto estético: paisagens, arborização, parques e jardins. Insatisfeito com o ritmo do progresso, sempre procurou sugerir meios de torná-lo mais harmonioso (Franco e Drummond, 2009).

As viagens realizadas por Hoehne pelo Brasil, bem como o seu conhecimento e as suas preocupações com a flora e fauna nativas, foram sintetizadas em *Iconografia das Orquídeas do Brasil* (Hoehne, 1949b), no capítulo “Excursão mental pelo País”. Trata-se, basicamente, de elucidar quais são, onde e como vivem as orquídeas brasileiras. No entanto, à medida que acompanhamos o autor na viagem proposta, são discutidas outras questões mais gerais, relacionadas à fitogeografia ou à proteção e uso racional da natureza. Logo de início, Hoehne constatava que o papel econômico que as orquídeas podiam desempenhar não tinha sido compreendido até então, sendo a sua exploração completamente

irracional. As orquídeas podiam e deviam ser coletadas, cultivadas e mesmo melhoradas, embora exigissem cuidado e conhecimento profundos, para que fossem manejadas com sucesso. Era preciso tomar cuidado para que a exploração descontrolada não comprometesse a reprodução da variada flora orquidófila do país, em prejuízo da coletividade, e principalmente das gerações vindouras (Hoehne, 1949b).

Além de suas atualíssimas preocupações com as questões pragmáticas do valor econômico e da possibilidade de extinção dessas flores e de outros integrantes de nossa flora, Hoehne destacava o aspecto estético envolvido na apreciação das orquídeas, em particular, e da natureza, em geral.

Em outra obra, *Plantas Ornamentais da Flora Brasileira* (Hoehne, 1930), Hoehne procurou definir de modo mais completo a estética e a sua relação com a natureza. Platão, Aristóteles, Kant e Schelling eram citados para demonstrar que a apreciação estética era um sentimento elevado, capaz de impulsionar os humanos no caminho da transcendência. O sentimento de unidade e harmonia era proporcionado, sobretudo, pelo convívio com a natureza que, como modelo maior de perfeição, devia guiar e conduzir a humanidade no prazer e na alegria.

O problema florestal assumia, segundo Hoehne, um duplo aspecto: econômico e científico. Para uma política racional e previdente de uso das florestas, era importante que estes aspectos fossem considerados em conjunto. O que vinha acontecendo, no entanto, era que só se levavam em conta as vantagens econômicas imediatas, sem considerar o interesse da ciência. As florestas valiam para o madeireiro o número de metros cúbicos de madeira que pudessem fornecer depois de derrubadas. Conforme a localização da floresta, o lucro podia ser maior ou menor, sendo mesmo nulo onde o acesso fosse difícil demais (Franco e Drummond, 2009).

Considerar o interesse científico era, ao mesmo tempo, uma forma de garantir interesses econômicos futuros. Proteger a diversidade da natureza no Brasil era fundamental para que ela pudesse ser estudada e conhecida, inclusive com o propósito de otimizar o aproveitamento dos seus recursos. Hoehne argumentava que não era contra a introdução de essências exóticas, embora defendesse que os seus bosques, plantados com objetivos exclusivamente pecuniários, deviam ficar em áreas onde não mais existissem matas nativas. Reflorestar áreas desflorestadas, com essências lenhosas nacionais ou exóticas, era utilíssimo. Ainda assim, Hoehne preferia as essências nativas, com as quais podia reconstituir ambientes adequados para a fauna local. Argumentava que a silvicultura era uma atividade capaz de proporcionar não só lucros, mas também uma felicidade provinda da apreciação estética. A possibilidade de reflorestamento com árvores nativas, reconstituindo as feições fitogeográficas originais do país, entusiasmava Hoehne. A exploração econômica destes bosques, constituídos de espécies variadas de plantas, exigia, no entanto, que se respeitasse o tempo de crescimento e maturação de cada uma, que a espaços intercalados podiam recompensar vantajosamente os proprietários (Hoehne, 1951).

No que diz respeito à fauna, um ponto importante a ser contabilizado era que a sua livre reprodução exigia áreas florestadas relativamente amplas, o que podia ser resolvido por meio do consórcio de fazendeiros vizinhos, a fim de formarem florestas contíguas, cuidando e explorando cada um a sua parte nas mesmas. O problema do reflorestamento, portanto, se constituía em algo mais que simples atividade econômica. Era uma forma de



Fig. 6 – *Mormodes hoehnei* F.E.L. Miranda & K.G. Lacerda ocorre em Rondônia, na Floresta Amazônica. Os autores da espécie deram o nome em homenagem a Hoehne. (Foto: A. Docha, Orchidstudium)

criar laços mais fortes entre o homem e a natureza, os quais envolviam uma experiência afetiva e a possibilidade de crescimento moral e espiritual.

Um pesquisador de primeira linha, ele conseguiu articular e comunicar uma percepção muito sensível em relação à natureza e à sua diversidade, usando argumentos tanto estéticos quanto pragmáticos no sentido de sua conservação. Alertava, já em 1927, que “aquilo que a natureza criou, uma vez destruído, jamais poderá ser confeccionado artificialmente e... nas florestas e campos naturais ainda possuímos milhares e milhares de plantas e animais que não conhecemos mas que um dia talvez se tornem muito importantes e úteis para nós” (Hoehne, apud Dean, 1996). Hoehne argumentava que a preservação de faixas da floresta nativa propiciava *habitats* para pássaros, insetos e outros animais que protegiam as culturas agrícolas dos predadores e parasitas. Essas perspectivas, com certeza, são hoje em dia sustentadas e acatadas em qualquer congresso sobre a biodiversidade e a preservação do ambiente natural.

O nacionalismo de Hoehne era uma aposta na possibilidade de que o Brasil corrigiria os seus rumos no tocante ao trato com a sua natureza e que, por meio de um projeto próprio, reconciliasse as atividades humanas com a natureza. Como no pensamento de Alberto Torres, para Hoehne os países de economia mais avançada perdiam o seu papel tutelar nessa dimensão, servindo-nos, quando muito, como um sinal de alerta, pois que, “tendo privado seu solo das florestas primitivas e nativas, hoje tentam restabelecer sua biota e condições ótimas por meio de florestas naturais, sem jamais o conseguir”. Era necessário, portanto, resguardar o patrimônio natural da nação. Em 1924, Hoehne ponderava que “ao homem assiste o direito de dispor das árvores, como de tudo que a natureza lhe oferece, como melhor entender, mas, com isto, não podemos outorgar direitos a particulares em prejuízo certo da coletividade” (Hoehne, apud Dean, 1996).

A partir da defesa pública dessas posições, Hoehne assumiu importância destacada

entre os brasileiros que se preocupavam com a proteção da natureza nos anos de 1920-1940. Na sua posição de cientista prolífico e influente e de gestor de instituições científicas, conseguiu transmitir o seu saber sobre a natureza brasileira e a sua preocupação com a sua preservação para várias gerações de cientistas brasileiros, décadas antes de a questão ambiental emergir mais intensamente na consciência dos cidadãos contemporâneos. No entanto, Hoehne faz parte de uma legião ainda recente de vozes quase esquecidas que se manifestaram contra a devastação irracional da natureza brasileira. José Augusto Pádua (2002) recuperou cerca de 50 vozes similares, mais antigas, que se manifestaram entre 1786 e 1888, e que foram virtualmente esquecidas até que ele encontrasse os seus olvidados manuscritos, opúsculos e livros em arquivos e bibliotecas. Hoehne faleceu há pouco mais de 50 anos, e sobre o seu pensamento e a sua ação já caiu um manto preocupante que, se não é de esquecimento, é de desconhecimento. Em termos de memória, o desconhecimento pode ser a véspera do esquecimento.

Bibliografia:

- Acot, P. 1990. *História de la Ecología*. Madrid, Taurus Ediciones.
- Dean, W. 1996. *A Ferro e Fogo: História e Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Ferri, M.G. 1994. *A Botânica no Brasil*. In: Azevedo, F. (org.). *As Ciências no Brasil*, vol. 2. Rio de Janeiro, UFRJ.
- Franco, J.L.A. e Drummond, J.A. 2009. *Proteção à Natureza e Identidade Nacional no Brasil: anos 1920-1940*. Rio de Janeiro, Fiocruz.
- Hoehne, F.C. 1930. *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*. vol I. São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio.
- Hoehne, F.C. 1937. *Resenha Histórica para a Comemoração do Vigésimo Aniversário da Seção de Botânica e Agronomia Anexa ao Instituto Biológico de São Paulo*. São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio.
- Hoehne, F.C. 1941-1951. *Relatório Annual do Instituto de Botânica*. São Paulo, Secretaria de Agricultura do Estado.
- Hoehne, F.C. 1949b. *Iconografia de Orchidáceas do Brasil*. São Paulo, Gráfica F. Lanzara.
- Hoehne, F.C., M. Kuhlmann e O. Handro. 1941. *O Jardim Botânico de São Paulo*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio.
- Nash, R. 1989. *The Rights of Nature: a history of environmental ethics*. Madison, Wisconsin, Wisconsin University Press.
- Pádua, J.A. 2002. *Um Sopro de Destruição - pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Worster, D. 1994. *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas*. Cambridge, Cambridge University Press.

Nota da editora: Leitura adicional recomendada: Araujo, D. Hoehne e suas viagens pelo estado do Rio de Janeiro e Andrade Franco, J.L. & J.A. Drummond. Frederico Carlos Hoehne, um pioneiro na conservação da natureza no Brasil. *Orchid News* #37 <http://www.delfinadearaujo.com/on/on37/hoehne/Hoehne.htm>